

IGREJA SAMARITANA NA DIOCESE DE SANTA CRUZ DO SUL



Curso de Teologia Popular
Venâncio Aires, 15 de setembro de 2018
Roque Hammes

Dimensões da Igreja

Doc. 100 - CNBB

Leitura e meditação da Palavra de Deus

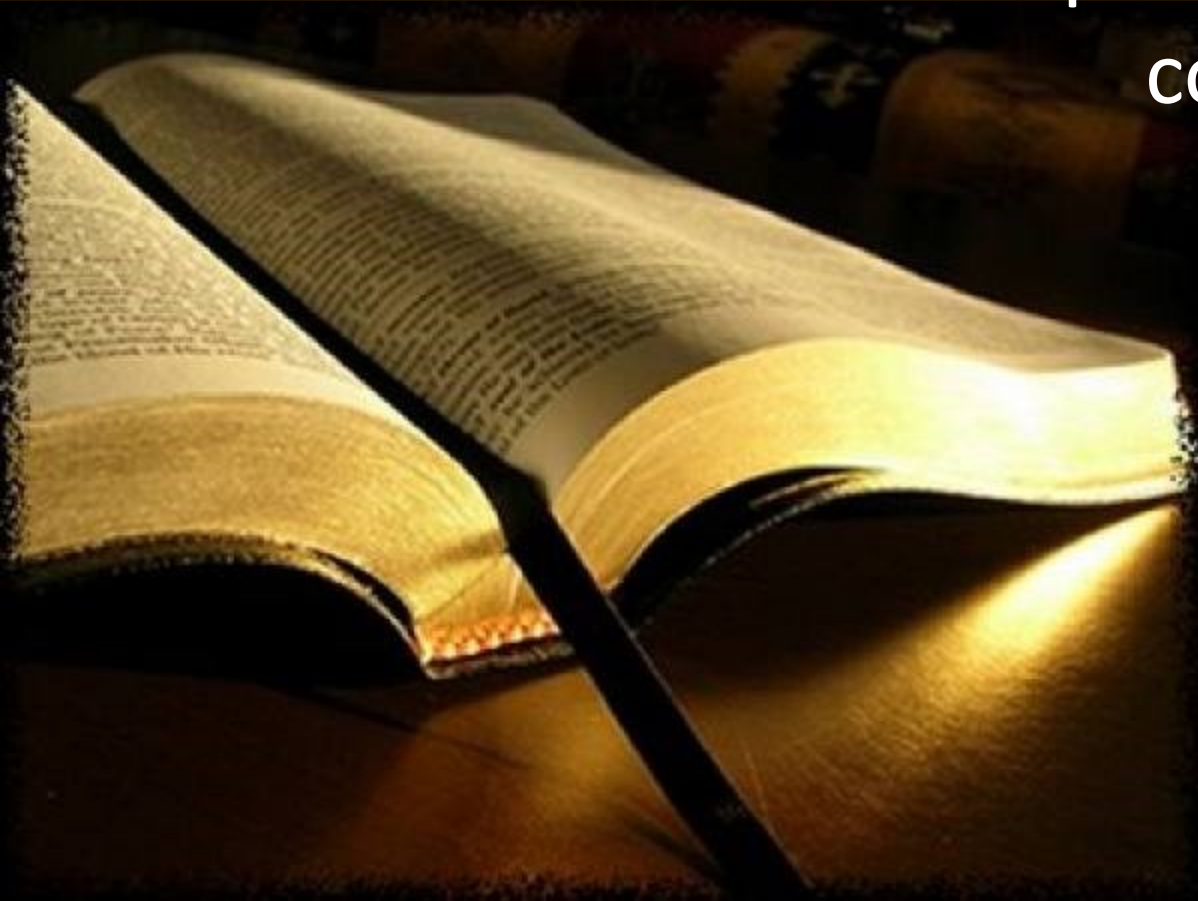
Celebração dos Sacramentos

Prática da Caridade



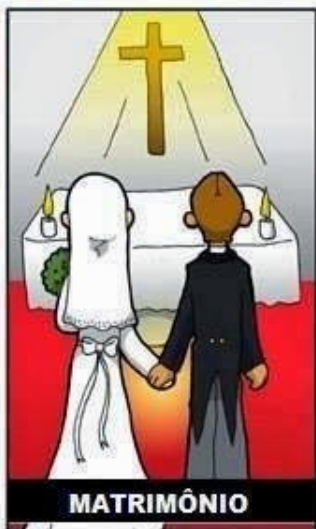
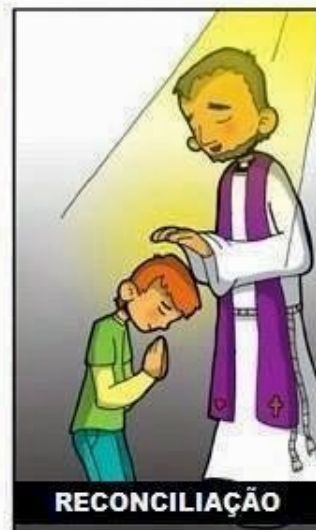
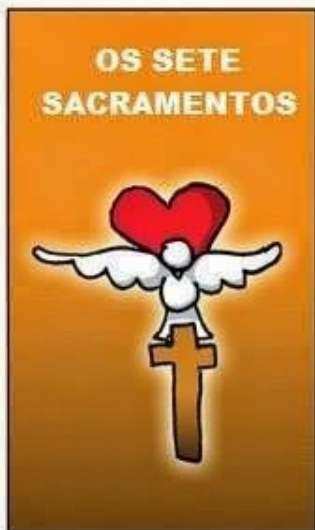
Leitura e meditação da Palavra de Deus: Casa da Palavra

No CTP temos oportunidade para nos aprofundar no conhecimento da Palavra de Deus.



Celebração dos Sacramentos: Casa do Pão

No CTP temos oportunidade de nos aprofundar na liturgia e celebrações.



Prática da Caridade: Casa da Caridade



O CTP deve nos habilitar a sermos agentes da caridade dentro de nossas comunidades.

No princípio, tudo estava intimamente ligado: “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações” (At 2,42).

Com o crescimento da Igreja, as coisas foram mudando, “mas o núcleo essencial ficou: no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida digna” (Bento XVI, Deus Caritas est, n. 21).

Já em Atos dos Apóstolos se fala da escolha dos diáconos para atender as viúvas gregas. Os apóstolos, a quem estavam confiados antes de mais nada, a oração (eucaristia e liturgia) e o serviço da palavra, sentiram-se excessivamente carregados pelo serviço das mesas (DC, n. 21).



“Com o passar dos anos e a progressiva difusão da Igreja, a prática da caridade confirmou-se como um dos seus âmbitos essenciais, juntamente com a administração dos sacramentos e o anúncio da palavra: praticar o amor para com as viúvas e os órfãos, os presos, os doentes e necessitados de qualquer gênero pertence tanto à sua essência como o serviço dos sacramentos e o anúncio do Evangelho” (DC, n. 22).





“No ano 220, o grande escritor Tertuliano conta como a solitudine dos cristãos pelos necessitados de qualquer gênero suscitava a admiração dos pagãos” (idem)

Segundo relata Tertuliano, “os cristãos levavam tão a sério as palavras do Senhor – ‘nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros’ (Jo 13,35) – que as outras pessoas e grupos afirmavam admirados: ‘Vede como eles se amam’” (Doc. 100, n. 260).

**O amor liberta o coração da gente
E faz o mundo caminhar alegremente.
E faz o mundo caminhar alegremente.**

Nos queremos ser teu povo, Senhor, Senhor, Senhor.
E queremos ser de novo, testemunhas do amor.

Nós queremos ser a ponte, Senhor, Senhor, Senhor.
Que conduz ao horizonte, onde reina o teu amor.

Nós queremos caridade, Senhor, Senhor, Senhor.
Que nos traz fraternidade e é sinal do teu amor.

Nós queremos unidade, Senhor, Senhor, Senhor.
Que nos firma na verdade e é sinal do teu favor.

Nós queremos noite e dia, Senhor, Senhor, Senhor.
Conviver na Eucaristia, que nos une por amor.



Conferência dos Bispos em Aparecida do Norte

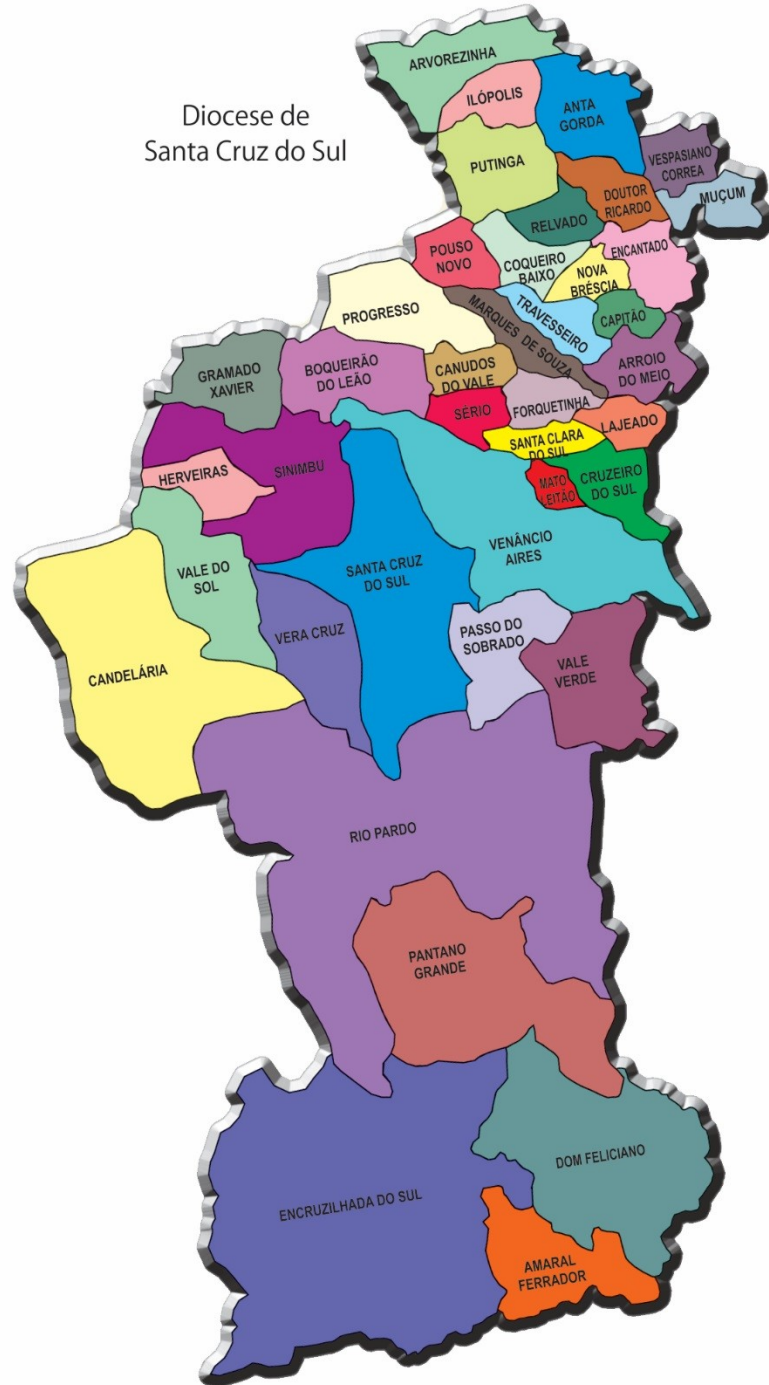
13 a 31 de maio de 2007

Mensagem final (Documento de Aparecida, p. 272).

Comprometemo-nos a defender os mais fracos, especialmente as crianças, os enfermos, os incapacitados, os jovens em situação de risco, os anciãos, os presidiários, os migrantes (...) Queremos contribuir para garantir condições de vida digna: saúde, alimentação, educação, moradia e trabalho para todos.

A fidelidade a Jesus exige de nós combater os males que causam dano ou destroem a vida, como o aborto, as guerras, o sequestro, a violência armada, o terrorismo, a exploração sexual e o narcotráfico.





Diocese de
Santa Cruz do Sul

O rosto da Igreja Diocesana
desenhado pela
Assembleia em 2008

Na 10ª assembleia Diocesana de Pastoral em 2008, realizada no espírito da Conferência de Aparecida, definiu-se um “rosto para a Igreja Diocesana”.

Nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Diocese (2009-1012) se diz que “O rosto de Igreja pintado é um rosto que desejamos e desenhamos, é um sonho que carregamos e alimentamos”.

O rosto tem 11 traços que o identificam.



Traços do Rosto que desejamos para a Igreja

1. Igreja samaritana e misericordiosa
2. Igreja de comunhão e participação
3. Igreja animadora de vocações e ministérios
4. Igreja acolhedora e ouvinte
5. Igreja em permanente diálogo com as outras igrejas e com a sociedade
6. Igreja incentivadora e promotora da participação e protagonismo dos leigos e leigas
7. Igreja profética, alegre e comprometida com a vida em todas as suas manifestações
8. Igreja peregrina e Inculturada na história e nas tradições do povo
9. Igreja promotora da cultura solidária
10. Igreja atenta aos sinais dos tempos e aos acontecimentos
11. Igreja com rosto de pobre e comprometida com a causa dos excluídos



Igreja Samaritana e Misericordiosa

Nas cidades e em nossas comunidades existem muitas pessoas caídas à beira do caminho por causa da violência, das drogas, dos preconceitos, do desemprego, das injustiças, dos males do consumismo, do individualismo, da concentração do poder e do dinheiro, da falta de saúde e de educação, da falta de oportunidades. Qual é a nossa atitude com relação a elas? Temos o hábito de condená-las? Julgá-las? Qual deve ser a atitude e a postura do cristão frente a essas pessoas na situação em que se encontram?

A expressão “Igreja Samaritana” remete-nos àquelas pessoas que não são do nosso grupo e que estão jogadas na beira do caminho.



Para ser samaritana, a Igreja precisa “descer do cavalo” e aceitar que é mais importante ajudar a quem precisa do que simplesmente ficar preso às leis vigentes, às normas, às regras estabelecidas. Foi esta a atitude do bom samaritano. Enquanto o sacerdote e o levita foram fieis ao simples cumprimento das leis, o samaritano rompeu o sistema legal e foi ao encontro da pessoa caída, cuidou dela e a encaminhou para tratamento, sem perguntar qual era a sua religião ou o que ela havia feito pra estar naquela situação. Também não perguntou se o “caído” era dizimista e se estava com sua situação matrimonial regularizada.



Para ser samaritana, a Igreja precisa superar o preconceito em relação aos que não são do seu grupo e passar a escutá-los, reconhecendo que eles têm algo a nos ensinar e que podem ser parceiros em nossos projetos. A inspiração nos vem de Lucas 10,3-35 e Jo 4. A Igreja samaritana se expressa no uso da misericórdia. “É a misericórdia que eu quero e não o sacrifício. Pois eu vim chamar, não os justos, mas os pecadores” (Mt 9,13).



Sempre mais, a Igreja na Diocese de Santa Cruz do Sul quer mostrar sua face misericordiosa, “descendo até as periferias para cuidar dos feridos e despossuídos, solidarizando-se com os sofredores. A miséria do coração humano encontra acolhida misericordiosa nos braços das comunidades de fé”.



Oração:

Senhor Deus, Pai cheio de misericórdia e ternura, olhai para nós e incuti em nossos corações gestos de acolhida, bondade e perdão para com todas as pessoas, especialmente as mais pobres, excluídas e abandonadas. Por Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.



Igreja Acolhedora e Ouvinte

A Igreja da Diocese de Santa Cruz do Sul se propõe assumir o rosto de uma Igreja que acolhe bem as pessoas e presta atenção aos seus clamores. A frase motivadora é de João Paulo II, que, na passagem do milênio, propunha que “as comunidades católicas deveriam se transformar em casa e lugar de acolhida”. Que as pessoas pudessem sentir a comunidade como sendo a sua casa.



A inspiração vem de Jesus Cristo que acolheu com carinho as crianças que lhe eram apresentadas por suas mães (Lc 18,15-17). Acolheu com compaixão os leprosos (Lc 5,13) e os doentes (Mt 20,29-34). Se dispôs a ir até a casa do centurião de Cafarnaum para curar o servo que estava enfermo (Mt 8,5-13). Tratou com ternura a mulher estrangeira que lhe pediu ajuda para libertar sua filha que estava atormentada por um demônio (Mt 15,21-28). Reconheceu a grandeza do gesto da amiga Maria que ungiu com perfume os seus pés (Jo 12,3-8). Foi tomar uma refeição com Zaqueu, o chefe dos coletores de impostos, que estava ansioso em ver Jesus (Lc 19,1-10). Aceitou o beijo da mulher pecadora apesar do escândalo que isso provocou (Lc 7,36-50). Cultivou amizades profundas, como a de Marta e Maria (Lc 10,38-42).



Oração:

“Senhor, nosso Deus e Pai, sois cheio de misericórdia e compreensão. Amais e acolheis a todos com a mesma ternura. Ensinai-nos a acolher com carinho a todas as pessoas, grandes e pequenas, pobres e ricas, doentes e descrentes. Dai-nos a graça e a paciência de ouvi-las com caridade e bondade. Por Cristo nosso Senhor. Amém”.



Igreja profética, alegre e comprometida com a vida em todas as suas manifestações

A Igreja é chamada a ser a voz de Deus que clama por justiça e liberdade. É convocada a estender a mão e a partilhar os alimentos com todos os necessitados e a ensinar a todos a prática da multiplicação dos pães.

A Igreja, enquanto corpo místico de Cristo participa da missão de Jesus Cristo sacerdote, profeta e pastor.

A missão sacerdotal é exercida, de maneira especial, através da celebração eucarística, quando a Igreja faz memória da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus.

A missão pastoral, a exemplo de Jesus Cristo bom Pastor, é exercida através do zelo com os pobres, fracos, doentes e marginalizados.



No exercício da missão profética, a Igreja se confronta com as contrariedades do mundo, onde domina a lei do mais forte e o que vale é o que resulta em lucro. Em meio a este mundo, a Igreja é convidada a ser “sal da terra e luz do mundo”. É convidada a denunciar tudo aquilo que atenta contra a vida das pessoas e ameaça a vida no Planeta Terra. É convidada a fazer coro aos que acreditam que “um mundo novo é possível”, a exemplo da Igreja primitiva que anunciava “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21).



Mais do que por palavras, a Igreja exerce sua missão profética através do testemunho. Por causa disso é importante que as comunidades vivam o amor fraterno e que as lideranças da Igreja se amem e perdoem; que os membros das comunidades tenham práticas de preservação do meio ambiente e que nas comunidades não haja excluídos. É o testemunho que dá credibilidade às palavras.



Além do mais, como alertam os bispos em Aparecida, a Igreja deve se ocupar em ser portadora “de boas novas para a humanidade, não profeta de desventuras”. Por causa disso, ela deve ter um rosto alegre e esperançoso. “Precisa testemunhar que, no âmbito da fé cristã, não há lugar para a desesperança, pois a utopia do Reino é o horizonte permanente para quem busca viver com razão. Se queremos que a Igreja tenha futuro devemos dar-lhe um rosto que irradia esperança apesar do sofrimento presente. Não podemos sucumbir às previsões da desventura e das catástrofes, mas precisamos anunciar práticas que garantam vida boa e feliz para todos.



Na Diocese de Santa Cruz do Sul, a Igreja quer assumir a defesa da vida em todas as suas manifestações. Assumir a defesa dos embriões que estão adquirindo forma no ventre de suas mães; das crianças que estão dando seus primeiros passos na vida; dos adolescentes e jovens que estão na mira dos traficantes de drogas; dos trabalhadores e das trabalhadoras que lutam pelo sustento de seus lares; dos idosos que se sentem ameaçados ao abandono; das matas e florestas que estão sendo devastadas; dos animais nativos que correm risco de extinção. A Igreja quer se comprometer com a defesa dos rios, do ar e do solo, ciente de que “a terra é como a mãe que sustenta e nutre o filho, mas também como a irmã que requer cuidado, atenção e carinho”.



Oração:

Ó Deus nosso Pai e fonte de vida, nos destes o dom da vida, o presente da fé e o privilégio de estar na Igreja. Fazei-nos compreender a missão que recebemos para construir um mundo justo e fraterno. Ajudai-nos e nós contamos com essa graça e a vossa benção. Por nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.



**Acolhei as oferendas deste vinho e deste pão
E o nosso coração também
Senhor que vos doastes totalmente por amor
Fazei de nós o que convém!**

É prova de amor junto a mesa partilhar
É sinal de humildade nosso dão apresentar

Quem vive para si, empobrece seu viver
quem doar a própria vida, vida nova há de colher

Oferta é bem servir, por amor a nosso irmão
É reunir-se nesta mesa é celebrar a redenção



Igreja promotora da cultura solidária

Em meio a uma sociedade cada vez mais individualista e desigual, onde somos motivados a buscar o sucesso e a realização pessoal mesmo que isso implique em passar por cima de pessoas mais fracas, a Diocese de Santa Cruz do Sul projeta um rosto solidário para a Igreja local. O gérmen vem dos antepassados que eram solidários nas lidas do campo em momentos de doença de algum membro da comunidade. Vem das pessoas simples das periferias urbanas que se mostram solidárias em momentos de calamidades, quando famílias têm suas casas destruídas. Vem da prática de pessoas abnegadas que, a exemplo de Madre Teresa de Calcutá, sabem partilhar suas vidas e seus bens com quem é necessitado.



O desafio da solidariedade já se encontra nas primeiras páginas da Bíblia. Depois que Caim matara seu irmão Abel, Deus lhe apareceu e perguntou: “onde está teu irmão”? (Gn 4,9). No livro do Êxodo, Deus se mostra solidário com um povo que estava sendo atormentado pela opressão dos Egípcios. Ele desce e se apresenta a Moisés, confiando-lhe a missão de ajudar o povo a sair daquela situação: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito (...) Por isso vá. Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 3,7-10). O extremo exemplo de solidariedade nos vem de Jesus Cristo que “não se apegou à sua igualdade com Deus, mas se esvaziou a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2,6-7). Daí o convite de São Paulo: “cada um procure, não o próprio interesse, mas o interesse dos outros” (Fl 2,4).



Os santos padres captaram muito bem estes ensinamentos. É o que mostra a homilia proferida por São Basílio no século VI: “o pão que tu guardas para ti sem necessitar dele pertence ao faminto. A capa que tu tens em teu guarda-roupa deve ser para o esfarrapado. Os sapatos que não usas devem ser para quem está descalço, assim como o dinheiro que tens enterrado deve ser dado ao necessitado. Tu cometes tantas injustiças quantas são as pessoas a quem evitas dar o que podes partilhar com elas”.



A Conferência de Aparecida, seguindo as pegadas dos santos padres, propõe a cultura da solidariedade, na consciência de que “a missão evangelizadora não pode estar separada da solidariedade com os pobres e sua promoção integral. Por isso, “a Igreja deve ser para todos casa e escola de solidariedade”.

A solidariedade como expressão do amor é a grande marca do cristianismo. “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor uns para com os outros” (Jo 15,35). Onde reina a solidariedade existe espírito cristão; onde impera o individualismo, a fé cristã não encontra espaço. Uma Igreja com rosto solidário é o que queremos para a Igreja na Diocese de Santa Cruz do Sul.



Oração: (Dom Pedro Casaldáliga).

Deus do Amor que te dás sempre em comunhão criadora; Deus da Vida partilhada frente aos processos de morte; Deus da Palavra encarnada em Jesus de Nazaré, a serviço da verdade, na convivência da paz, pelas veredas da história.

Ensina-nos a escutar o silêncio e o clamor dos deserdados da terra.

Ensina-nos a falar a Boa Nova do Reino bem alto por cima dos telhados e no coração do mundo.

Que sejamos testemunhos da invencível esperança; que consagremos a mídia ao serviço do Evangelho em abertura ecumênica, em plenitude ecológica, em cultura solidária entre todas as culturas. Amém.



Igreja com rosto pobre e comprometida com a causa dos excluídos

Uma das coisas que não permite aos cristãos dormirem tranquilos está no fato de existirem entre nós tantos pobres e excluídos. Às vezes, temos preconceitos com relação a eles. Outras vezes, os desprezamos. Muitas vezes simplesmente cruzamos os braços e passamos ao lado, dando a impressão de que isso não tem nada a ver conosco.

Com eles, cada dia Jesus vem e bate à nossa porta dizendo: “tive fome, tinha sede, tive frio, fui peregrino, fui estrangeiro ... e vós não me destes de comer, de beber, não me acolhestes ...” (Mt 25,31-46).



No encalço do Concílio Vaticano II, onde se diz que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”, os bispos da América Latina, reunidos na Conferência de Medellín, propuseram a conversão da Igreja em vista da opção preferencial pelos pobres. “Desejamos que nossa habitação e estilo de vida sejam modestos; nossa indumentária, simples; nossas obras e instituições, funcionais, sem aparato nem ostentação”.



Em 1979, na Conferência de Puebla, os bispos afirmaram que “esta conversão traz consigo a exigência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor, já que na sua ação evangelizadora a Igreja contará mais com o ser e o poder de Deus e de sua graça do que o ter mais e o poder secular”. Assim, com “o testemunho de uma Igreja pobre pode evangelizar os ricos, que têm o coração apegado às riquezas, convertendo-os e libertando-os desta escravidão e de seu egoísmo”.



Na Conferência de Aparecida, em 2008, os bispos solicitam “dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhe-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação”.



Ao optar por uma Igreja com rosto pobre e comprometida com a causa dos excluídos, a Diocese de Santa Cruz do Sul convoca suas lideranças a que fujam da ostentação, trabalhem de maneira sóbria e evitem qualquer forma de desperdício. Convoca as comunidades a que organizem o serviço da caridade, cientes de que “a alma da Igreja é a caridade” e que coloquem seus espaços a serviço dos necessitados. São João Crisóstomo nos alerta: “Querem honrar o Corpo de Cristo? Não o honrem com mantos de seda, enquanto fora o deixam sem roupa e sem comida”.



Oração:

Ó Deus, Pai querido, enviastes o vosso Filho ao mundo para nos salvar e libertar de todos os males, preconceitos e escravidões. Fazei que correspondamos ao vosso amor, abrindo o coração para acolher os pobres e excluídos e estender as mãos para ajudar a todos. Dai-nos a alegria de partilhar a nossa vida e nossos bens com os irmãos e as irmãs. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.



Em 2012, a 11ª Assembleia confirmou a busca dos mesmos traços para o Rosto da Igreja

“Inspirada pela samaritana que busca água, vence os preconceitos (Jo 4), a Igreja Diocesana de Santa Cruz do Sul se empenha em acolher os sedentos e anunciar-lhes Jesus Cristo. A exemplo do bom samaritano da parábola de Lucas (10,30-35), a Igreja não fica esperando, desce do cavalo do seu status, para cuidar dos feridos e abandonados, solidarizando-se com os sofredores. A miséria e o coração humano encontra acolhida misericordiosa nos braços das comunidades de fé, esperança e caridade” (10º Plano Diocesano de Pastoral, p. 09).

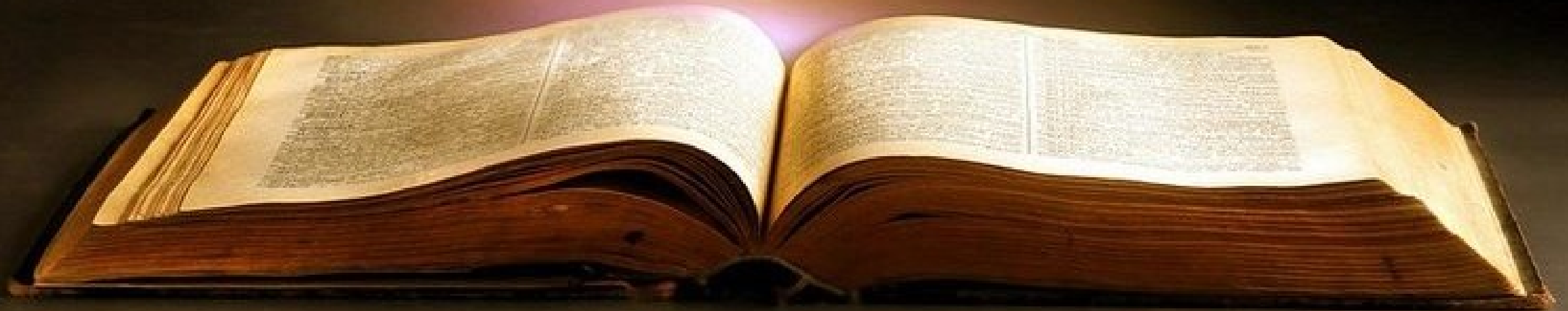


Textos Bíblicos

Lucas 10, 25-37

Jo 4,1-42

Lucas 17,11-18





Quem eram os
samaritanos?

Depois da morte de Salomão, o reino de Israel foi dividido em Reino do Norte, cuja capital era Samaria e Reino do Sul, com sede em Jerusalém.

Pelo ano 700 a.C, o Reino do Norte foi invadido pelo Assíria e seus habitantes deportados.

Alguns ficaram morando na Samaria (doentes, pobres, idosos). Eles começaram a se misturar com os pagãos, mas preservaram a fé em YHWH, o Deus único. Adotaram o Pentateuco e eram fieis aos mandamentos dados por Moisés.



O Reino do Sul, cuja capital era Jerusalém, sobreviveu por mais 200 anos, quando em 587 a capital foi destruída e os moradores levados para o exílio em Babilônia.

Na volta do Exílio, quando tentaram reconstruir o templo de Jerusalém, os samaritanos queriam frear a construção, para que todos pudessem se unir em torno do templo no Monte Garizin.

Nos livros de Esdras e Neemias se descreve o esforço em separar os judeus que regressaram do exílio em Babilônia dos judeus que ficaram na terra, que não foram deportados, a “gente da terra” (Ver Esdras 9 e Neemias 13).



12ª Assembleia Diocesana de Pastoral

14 e 15 de novembro de 2016

Local: Pavilhões da Catedral São João Batista

Preparada com
assembleias em
todas as paróquias



O Evangelho do Bom Samaritano (Lc 10,25-37)

Pe. Décio Walker

O evangelho de Lucas está perpassado do começo ao fim pela misericórdia. Maria, no Magnificat (Lc 1,46-56) canta: “sua misericórdia chega aos que o temem de geração em geração ... Socorre Israel seu servo, lembrando-se de sua misericórdia”.

O pai de João Batista proclama: “Ele realizou a misericórdia que teve com nossos pais, recordando-se de sua santa aliança” (Lc 1,72).

O lema do Ano Jubilar da Misericórdia vem do Evangelho de Lucas: “Sejam misericordiosos, como também o Pai de vocês é misericordioso” (Lc 6,36).

Lucas quer mostrar que Jesus é o rosto revelador da misericórdia do Pai. Para isso usa uma série de parábolas (Ovelha perdida, Filho Pródigo, mulher que procura a moeda perdida, o pobre Lázaro – Lucas 15-16)



O texto em questão está dividido em duas partes.

No começo (Lc 10,25-29) um doutor em leis pergunta a Jesus: “Que devo fazer para alcançar a vida eterna”?

É a preocupação fundamental da catequese: “que preciso fazer para ter como herança a vida eterna”?

Jesus faz o especialista em leis se recordar daquilo que aprendera. Qual é a sua interpretação? “Amar a Deus – amar o próximo”. Era isto que era ensinado desde Moisés.



No decorrer dos anos, porém, algo de errado aconteceu.

Após a invasão da Samaria pelo ano 722 a.C, homens judeus da Samaria casavam com mulheres estrangeiras e aí começou a se introduzir o conceito de pureza e impureza (puros e impuros).

Isso se acentuou, principalmente, durante o Exílio na Babilônia. Por isso, na volta do exílio, com Esdras e Neemias, o critério para alcançar a vida eterna passou a ser a Lei.

A lei separava puros e impuros (Esdras, 9; Neemias, 13,23-27).

Fugiu-se das raízes da aliança, e começou-se a escolher o “próximo” que era o puro. A este sim era necessário amar, aos outros não.

Amar a Deus é fácil. Amar o próximo é mais difícil.

Daí eu começo a escolher quem é o meu próximo.

Vem Jesus e diz: “Eu porém vos digo: amai os vossos inimigos” (Mt 5,43-48)



Na segunda parte do texto (Lc 10,30-37) Jesus mostra o resultado que esta catequese produziu.

O sacerdote, para não se tornar impuro, passa ao largo e deixa o estrangeiro deitado. O mesmo faz o Doutor da Lei.

Dentro da sua concepção, eles agiram de forma correta. Fizeram tudo certo. Cumpriram a Lei. Não se tornaram impuros.

E é aí que Jesus mostra a incoerência e a deficiência da catequese daquele tempo. Faltava espaço para caridade, para o social. Não basta cumprir a Lei.

Por isso, não é indiferente o tipo de catequese que nós temos. A catequese é que provoca o seguimento de Jesus ou o seguimento de outras doutrinas.



O processo de iniciação do Samaritano foi de acordo com a Lei de Moisés e dos antigos profetas.

Os samaritanos, que, conforme a Lei, eram impuros, haviam ficado mais fiéis à formação do judaísmo antigo. Ainda estavam mais próximos da vida e ao judaísmo que não foi deturpado com a reforma do pós-exílio.

O desafio para nós, hoje, é o de produzirmos uma catequese diferente. Uma catequese que leve a um comprometimento com a vida das pessoas.

Por isso, o projeto de Iniciação à Vida Cristã é um projeto da Igreja e não só da catequese. Toda a família e toda a comunidade deve ficar envolvida, abraçando conjuntamente o projeto de Igreja samaritana



Esta mesa nos ensina:/ Todo o bem que a gente alcança/ em comum devemos pôr./ O remédio, a medicina,/ pão e vinho e segurança//: Alegria, fé e amor://

1- Meu irmão eu vi plantar,/ meu irmão nos fez o pão./ Mas na hora do jantar/ não chamaram meu irmão.

2- Minha irmã trabalhadora,/ é operária e mãe também./ sai de casa o filho chora,/ fica em casa o pão não vem.

3- Meu irmão pagou imposto,/ para a vida melhorar. / Mas não tem doutor nem posto,/ porque é pobre o seu lugar.





Iniciação à Vida Cristã
na perspectiva de uma Igreja Samaritana

Igreja Samaritana

no 11º Plano Diocesano de Pastoral

Relação da Igreja com os diferentes segmentos sociais
(Pág. 10)

Relação da Igreja com os Movimentos Sociais
(Pág. 11)

Igreja Samaritana – Nosso horizonte
(Pág. 11)

Uma Igreja Samaritana
(Pág. 13)

Objetivo da Diocese

Proporcionar às pessoas a oportunidade de se encontrarem com Jesus Cristo, através do processo da Iniciação à Vida Cristã, inserindo-as na Comunidade Eclesial, como discípulos missionários, na perspectiva de uma IGREJA SAMARITANA.



Relação com os diferentes segmentos sociais

1. A Diocese é constituída por diferentes segmentos sociais e a Igreja é desafiada a colocar-se a serviço das demandas dos referidos segmentos:
2. Meio Rural: a Igreja marca presença através das comunidades rurais, CPT e EJR que promovem a troca de sementes e incentivam a agricultura agroecológica.
3. Classe média urbana: a Igreja se faz presente através de comunidades e movimentos como o Cursilho e a RCC, pastorais (família, juventude), retiros, palestras, uso dos MCS.
4. Classes Populares: Grupos mais sensíveis aos novos movimentos de Igreja. Temos a Pastoral da Criança, carcerária, saúde, projetos sociais ...



Relação com os Movimentos Sociais

1. De protagonista dos movimentos em décadas passadas, a Igreja hoje tem pouca presença junto a eles. Temos os sindicatos, associações, grêmios estudantis, movimentos de catadores, feministas, pequenos agricultores, ecológicos, consciência negra ...
2. Falta-nos sintonia com o Papa Francisco que apoia, abertamente, a organização internacional dos movimentos populares.



Nosso horizonte: IGREJA SAMARITANA

Na 12ª ADP se afirmou que “a Igreja quer mostrar a sua face misericordiosa, descendo até as periferias para cuidar dos feridos e despossuídos, solidarizando-se com os sofredores. A miséria do coração humano encontra acolhida misericordiosa nos braços das comunidades de fé”.



Uma Igreja Samaritana

1. Para o anúncio e realização do Reino de Deus, Jesus Cristo convida discípulos missionários em todos os tempos. Agora chegou a nossa vez.
2. A Diocese optou por ser uma Igreja Samaritana, que acolhe e serve os que merecem cuidados especiais.
3. O encontro com Jesus através dos pobres é dimensão central de nossa fé.
4. O Papa Francisco insiste: “O serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência”.
5. Por isso, não bastam ações caritativas isoladas e ocasionais, por vezes de cunho paternalista ou para tranquilizar as consciências.



6. As mesmas mãos que erguemos ao Senhor em nossos templos devem ser as que damos aos irmãos em necessidade: ora as elevamos pela oração, ora as estendemos pela justiça e caridade, com os mesmos irmãos e diante do mesmo Deus.

7. Através do evangelho (Lc 10,25-37) percebemos que a atitude samaritana consiste em dar o testemunho de proximidade afetuosa e escuta humilde, de solidariedade e compaixão, de compromisso com a justiça social e capacidade de compartilhar.

8. Quem são estes que precisam de atitude samaritana?

9. São os que estão caídos à beira do caminho, que vivem nas periferias geográficas ou existenciais; são os que estão em maior debilidade e por isso merecem opção preferencial: os oprimidos, os marginalizados, os idosos, os enfermos, as crianças, todos os que são considerados últimos na sociedade (Papa Francisco).



10. O Papa afirma que a Igreja necessitam de evangelizadores que rezam e trabalham: “não servem propostas místicas desprovidas de vigoroso compromisso social e missionário, nem discursos e ações sociais e pastorais sem espiritualidade que transforme o coração” (EG, n. 262).

11. A parábola do bom samaritano é contada por Jesus quando Ele ensina o principal mandamento da Lei de Deus: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e a teu próximo como a ti mesmo”.

12. Todo gesto de amor, de justiça, de paz, de dignificação da vida é sinal de que o Reino de Deus está acontecendo: é tornar a vida e o mundo assim como Deus os deseja.



Igreja Samaritana à Luz dos últimos Escritos do Papa Francisco



Evangelii Gaudium – (A alegria do Evangelho)

Misericordie Vultus (O rosto da misericórdia)

Laudato Si – sobre o cuidado da casa comum

Gaudete et Exsultate: (Alegrai-vos e Exultai)



Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças (...) Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar – Dai-lhes vós mesmos de comer (Mc 6,37) (EG, n. 49).



Não é possível que a morte por congelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome (EG, n. 53).

Há certo cristianismo feito de devoções – próprio de uma vivência individual e sentimental da fé – que, na realidade, não corresponde a uma autêntica piedade popular. Alguns promovem estas expressões sem se preocupar com a promoção social e a formação dos fieis, fazendo-o, em alguns casos para obter benefícios econômicos ou algum poder sobre os outros (EG, 71).



A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora (EG, 178).

A Palavra de Deus ensina que, no irmão, está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós: 'sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes' (Mt 25,40). Por isso mesmo, também o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência (EG, 179).



Os Pastores, colhendo as contribuições das diversas ciências, têm o direito de exprimir opiniões sobre tudo aquilo que diz respeito à vida das pessoas, dado que a tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano (EG, 182).

Não se fala apenas de garantir a comida ou um decoroso sustento para todos, mas prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos. Isso engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida (EG, 192).



Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise efetivamente sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum. 'Temos de nos convencer de que a caridade é o princípio não só das micro relações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macro relações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos (EG, 205).



Embora não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, os migrantes ... (EG, 210).

Entre estes seres frágeis, de que a Igreja quer cuidar com predileção, estão também os nascituras, os mais inermes e inocentes de todos, a quem hoje se quer negar a dignidade humana ... (EG, 213)



Há outros seres frágeis e indefesos, que muitas vezes ficam à mercê dos interesses econômicos ou de um uso indiscriminado. Refiro-me ao conjunto da criação. Nós os seres humanos, não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas (EG, 215).



Misericordiae Vultus: O rosto da misericórdia

Ano da Misericórdia 2015

Sede misericordiosos como o Pai de vocês é misericordioso

“Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7) é a bem-aventurança a que devemos inspirar-nos com particular empenho” (MV, 9).

Redescubramos as obras de misericórdia corporal: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os migrantes, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos. E não esqueçamos as obras de misericórdia espiritual: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos (n. 15).



Não podemos escapar às palavras do Senhor com base nas quais seremos julgados: se demos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede; se acolhemos o estrangeiro e vestimos que está nu; se reservamos tempo para visitar quem está doente e preso. De igual modo ser-nos-á perguntado se ajudamos a tirar a dúvida que faz cair no medo e muitas vezes é fonte de solidão; se fomos capazes de vencer a ignorância em que vivem milhões de pessoa, sobretudo as crianças desprovidas da ajuda necessária para se resgatarem da pobreza; se nos detivemos junto de quem está sozinho e aflito; se perdoamos a quem nos ofende e rejeitamos todas as formas de ressentimento e ódio que levam à violência (MV, 15).



Carta Encíclica Laudato Si

Sobre o cuidado da Casa Comum - 2015

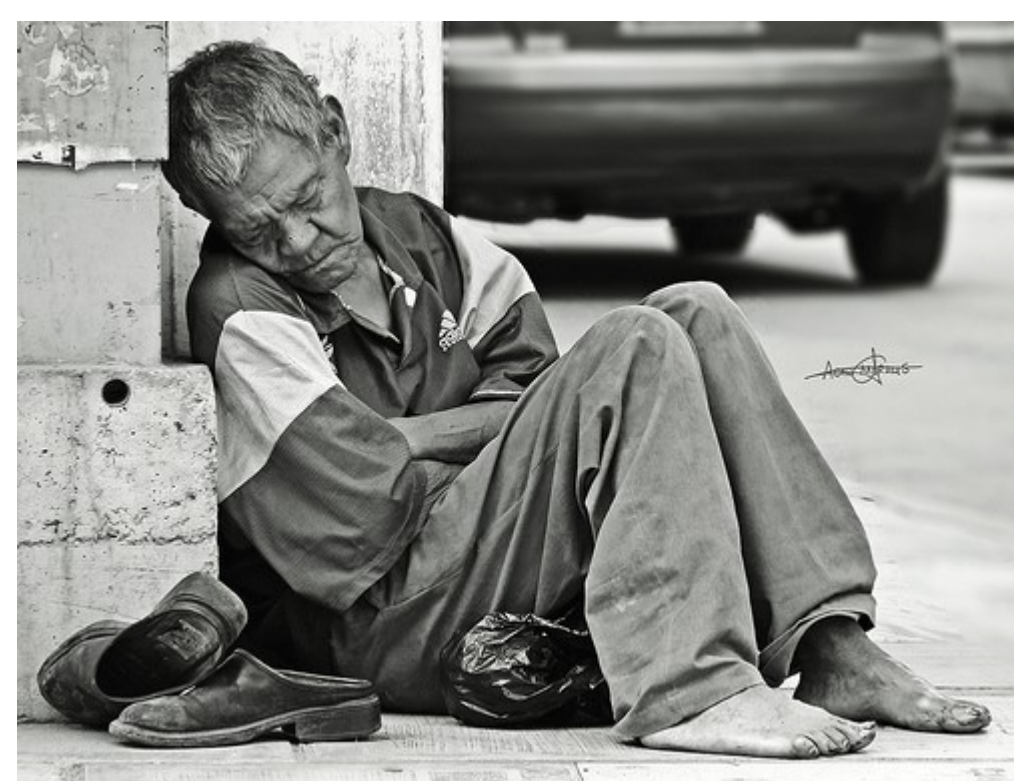
As motivações da fé oferecem aos cristãos motivações importantes para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis (LS, n. 64).

Devemos, certamente, ter a preocupação de que os outros seres vivos não sejam tratados de forma irresponsável, mas deveriam indignar-nos sobretudo as enormes desigualdades que existem entre nós, porque continuamos a tolerar que alguns se considerem mais dignos do que outros (LS, 90).

Tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade (LS, 91).



Quando não se reconhece a importância de um pobre, de um embrião humano, de uma pessoa com deficiência – dificilmente se saberá escutar os gritos da própria natureza. Tudo está interligado (LS, 117).



A cultura do relativismo impele uma pessoa a aproveitar-se de outra e a trata-la como mero objeto, obrigando-a a trabalhos forçados, ou reduzindo-a à escravidão por causa de uma dívida. É a mesma lógica que leva à exploração sexual das crianças, ou ao abandono dos idosos que não servem aos interesses próprios. É também a lógica interna daqueles que dizem: deixemos que as forças invisíveis do mercado regulem a economia (LS, 123).





A análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e a relação de cada pessoa consigo mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente (LS, 141).



É preciso integrar a história, a cultura e a arquitetura de um lugar, salvaguardando a sua identidade original. Por isso, a ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade (LS, 143). A interdependência obriga-nos a pensar num único mundo, num projeto comum (LS, 164).

Nós, crentes, não podemos deixar de rezar a Deus pela evolução positiva dos debates atuais, para que as gerações futuras não sofram as consequências de demoras imprudentes (LS, 169).

A Igreja não pretende definir as questões científicas nem substituir-se à política, mas convido a um debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum (LS, 188).

A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, construção duma rede de respeito e de fraternidade (LS, 201).



Quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir (LS, 204).

Se uma pessoa habitualmente se resguarda um pouco mais em vez de ligar o aquecimento, embora as suas economias lhe permitam consumir e gastar mais, isso supõe que adquiriu convicções e modos de sentir favoráveis ao cuidado do ambiente (LS, 211).

As comunidades cristãs tem um papel importante a desempenhar na educação ambiental. Espero também que, nos nossos seminários e casas religiosas de formação, se eduque para uma austeridade responsável, a grata contemplação do mundo, o cuidado da fragilidade dos pobres e do meio ambiente (LS, 214).



Não se deve descurar nunca a relação que existe entre uma educação estética apropriada e a preservação de um ambiente sadio. Prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista. Quando não se aprende a parar, a fim de admirar e apreciar o que é belo, não surpreende que tudo se transforme em objeto de uso e abuso sem escrúpulos (LS, 215).

Alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático, frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente. Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e tornam-se incoerentes” (...) “Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa (LS, 217).



Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia (LS, 225).

Uma expressão dessa atitude é parar para agradecer a Deus antes e depois das refeições. Proponho aos crentes que retomem este hábito importante e o vivam profundamente. Este momento da bênção da mesa, embora breve, recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem estes bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados (LS, 227).³



Tu deste saúde aos doentes Senhor, mostrando que veio teu reino de amor. Contigo queremos os fracos amar, da vida e saúde de todos cuidar.



Gaudete et Exsultate:

sobre o chamado à santidade no mundo atual

Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra.



És uma consagrada ou um consagrado?
Sê santo, vivendo com alegria a tua doação.





Estás casado?

Sê santo, amando e cuidando do teu marido
ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja.

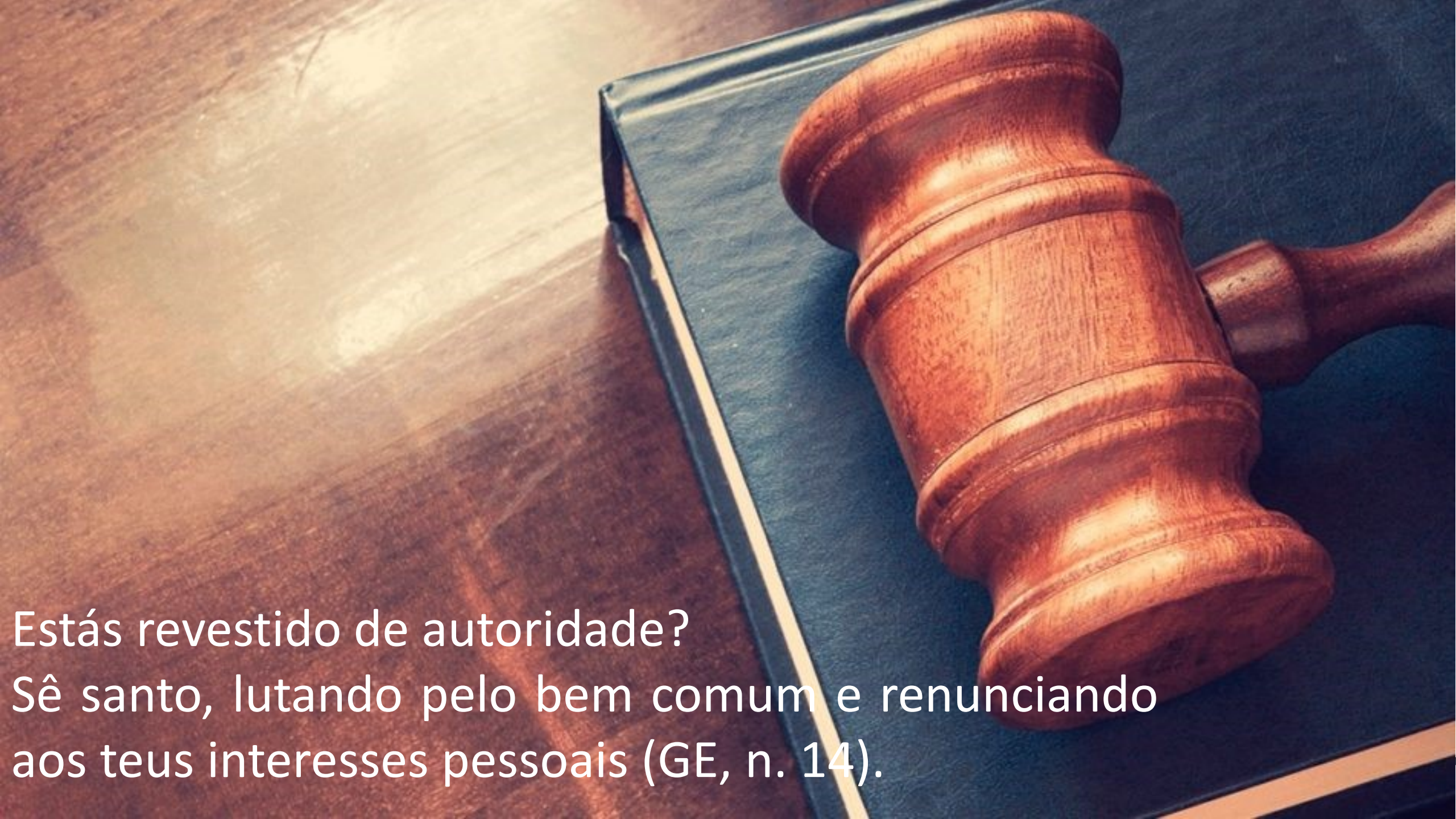
És um trabalhador?

Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos.





És progenitor, avó ou avô?
Sê santo, ensinando com
paciência as crianças a seguirem
Jesus.

A close-up photograph of a wooden gavel resting on a blue book cover. The gavel is made of polished wood and has a handle extending to the right. The book cover is dark blue with a gold-colored spine. The background is a wooden surface with a warm, golden light source from the top left, creating a soft glow and highlighting the textures of the wood and the book.

Estás revestido de autoridade?
Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando
aos teus interesses pessoais (GE, n. 14).

A santidade cresce com pequenos gestos. Por exemplo, uma senhora vai ao mercado fazer as compras, encontra uma vizinha, começam a falar e surgem as críticas. Mas esta mulher diz consigo: “Não! Não falarei mal de ninguém”. Isso é um passo rumo à santidade.

Em outra ocasião segue pela estrada afora, encontra um pobre e detém-se a conversar carinhosamente com ele. É mais um passo (GE n 16).



Existe uma hierarquia das virtudes, que nos convida a buscar o essencial. A primazia pertence às virtudes teologais, que têm Deus como objeto e motivo. E, no centro, está a caridade (n. 60). Jesus nos entrega dois rostos, ou melhor, um só: o de Deus que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerme e necessitado, está presente a própria imagem de Deus. De fato, será com os descartados desta humanidade vulnerável que, no fim dos tempos, o Senhor plasmará a sua última obra de arte. Pois, o que resta? O que é tem valor na vida? Quais são as riquezas que não desaparecem? Seguramente duas: o Senhor e o próximo (n. 61).



Gaudete et Exsultate: À luz do Mestre

Nas bem-aventuranças (Mt 5,3-12), Jesus nos explicou com toda a simplicidade, o que é ser santo. Assim se um de nós se questionar sobre o como fazer para chegar a ser um bom cristão, a resposta é simples: é necessário fazer o que Jesus disse no sermão das bem-aventuranças (GE, n 63).

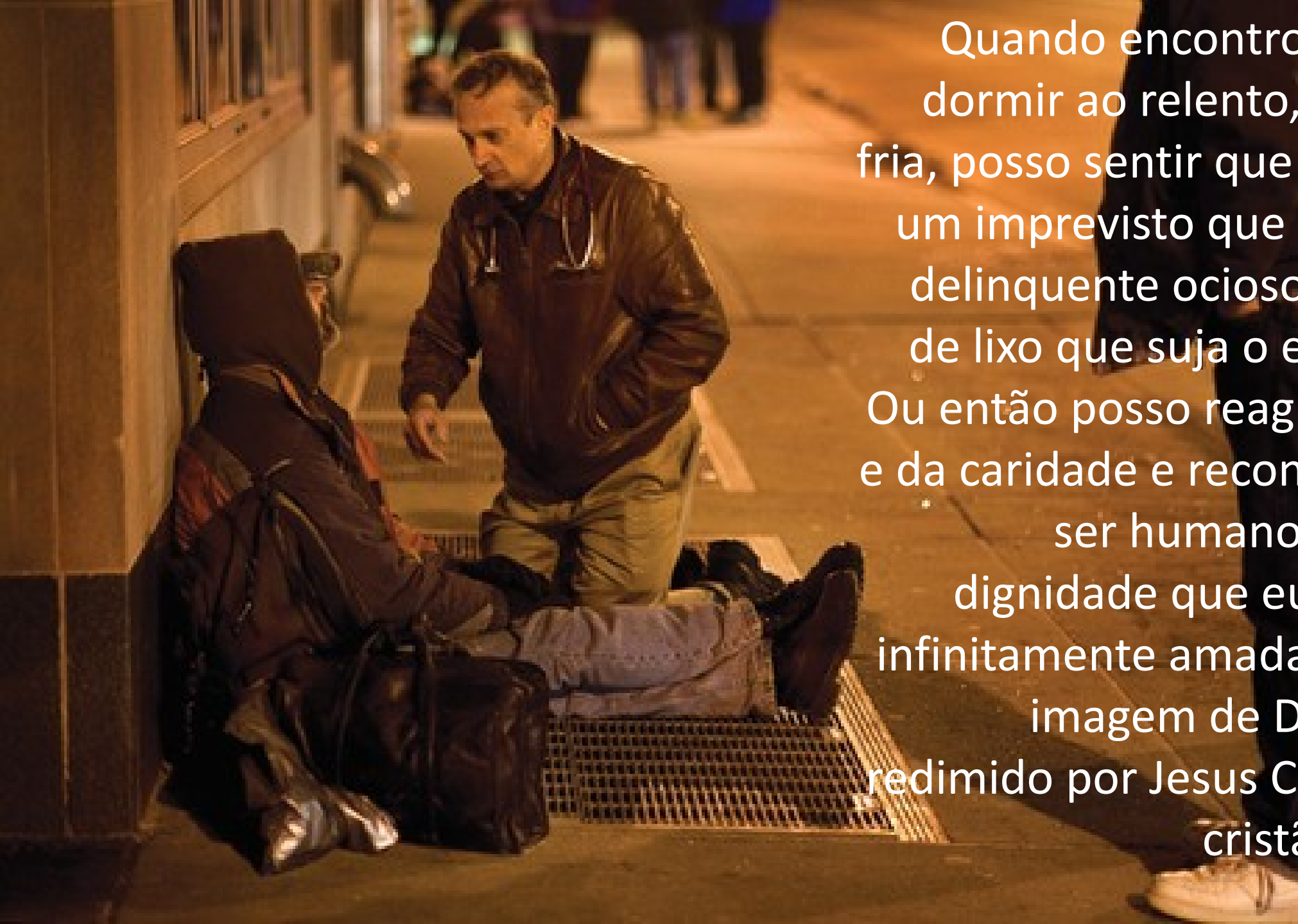


No capítulo 25 do Evangelho de Mateus (v. 31-46), Jesus volta a deter-se em uma destas bem-aventuranças: a que declara felizes os misericordiosos. Se andamos à procura da santidade que agrada a Deus, neste texto encontramos precisamente uma regra de comportamento com base na qual seremos julgados: “Pois eu estava com fome e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me” (EG, n. 95).



O Senhor deixou-nos bem claro que a santidade não se pode compreender nem viver prescindindo destas suas exigências, porque a misericórdia é o coração pulsante do Evangelho (GE, n. 97).





Quando encontro uma pessoa a dormir ao relento, em uma noite fria, posso sentir que este vulto seja um imprevisto que me detém, um delinquente ocioso, ... Um monte de lixo que suja o espaço público. Ou então posso reagir a partir da fé e da caridade e reconhecer nele um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo. Isto é ser cristão” (EG, n. 98).

É nocivo e ideológico o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista (...) A defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada, porque neste caso está em jogo a dignidade da vida humana, sempre sagrada, exige-o o amor por toda a pessoa, independente do seu desenvolvimento. Mas igualmente sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, no tráfico de pessoas, na eutanásia encoberta de doentes e idosos privados de cuidados e em todas as formas de descarte. Não podemos propor-nos um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo, onde alguns festejam, gastam folgadoamente e reduzem a sua vida às novidades do consumo, ao mesmo tempo que outros se limitam a olhar de fora enquanto a sua vida passa e termina miseravelmente (GE, n. 101).



Pode acontecer que cristãos façam parte de redes de violência verbal através da internet e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital (...) É impressionante como, às vezes, pretendendo defender outros mandamentos, se ignora completamente o oitavo: “não levantar falso testemunho” e destrói-se sem piedade a imagem alheia. (GE, n. 115).



Não nos faz bem olhar com altivez, assumir o papel de juízes sem piedade, considerar os outros como indignos e pretender continuamente dar lições. Esta é uma forma sutil de violência. São João da Cruz propunha outra coisa: “mostra-te sempre mais propenso a ser ensinado por todos do que a querer ensinar quem é inferior a todos” (GE, n. 117).



Ser santo não é caminhar com a cabeça inclinada, falar pouco ou escapar da sociedade. Às vezes, uma pessoa, precisamente porque está liberta do egocentrismo, pode ter a coragem de discutir amavelmente, reclamar justiça ou defender os fracos diante dos poderosos, mesmo que isso traga consequências negativas para a sua imagem (GE, n. 119).



O mau humor não é sinal de santidade. Recomendo a oração de São Tomás Moro:

Dai-me, Senhor, uma boa digestão e também qualquer coisa para digerir.

Dai-me a saúde do corpo, com o bom humor necessário para a conservar.

Dai-me, Senhor, uma alma santa que saiba aproveitar o que é bom e puro, e não se assuste à vista do pecado, mas encontre a forma de colocar as coisas de novo em ordem.

Dai-me uma alma que não conheça o tédio, as murmurações, os suspiros e os lamentos, e não permitais que sofra excessivamente por essa realidade tão dominadora que se chama “eu”.

Dai-me, Senhor, o sentido do humor.

Dai-me a graça de entender os gracejos, para que conheça na vida um pouco de alegria e possa comunica-la aos outros. Assim seja. (Nota de rodapé da GE, n. 126).



Quem é meu próximo?(Carlos Mesters)

Ler o texto em grupos

Quem são as pessoas que não estão à margem da sociedade nos tempos atuais?

De quem a Igreja precisa se aproximar para cumprir o mandamento de Deus?

Como podemos ajudar a Igreja a “ser uma Igreja samaritana”?

